

Lição 8 — A Alma como Grandeza Espacial, Crítica a Platão

TEXTO 1407a3-407b25 - LIVRO I, CAPÍTULO III, CONTINUAÇÃO

A ALMA COMO GRANDEZA ESPACIAL

CRÍTICA A PLATÃO

Em primeiro lugar, não é correto dizer que a alma é uma grandeza. Pois a alma do Todo ele (Platão) considera como de mesma natureza que aquilo que às vezes se chama intelecto, não como a alma sensitiva ou apetitiva; pois o movimento destas não é circular. Ora, o intelecto é uno e contínuo, como o é o ato de entender, que, por sua vez, consiste em pensamentos. Mas estes possuem unidade por sucessão, como o número, não como a extensão. Portanto, nem o intelecto é assim contínuo; mas ele é ou indivisível, ou não contínuo do modo como algo extenso o é. §§ 107-11

Como ele entenderia, se fosse uma quantidade extensa? Como um todo, ou por cada uma de suas partes? Se pelas suas partes, então por uma parte extensa ou por um ponto, se se pode chamar um ponto de parte. Se por um ponto (do qual há um número infinito), é evidente que ele nunca completará o processo. Se por uma parte extensa, ele entenderá a mesma coisa muitas vezes, até o infinito. No entanto, parece que ele o faz de uma só vez. Mas se é suficiente que ele entre em contato com qualquer uma de suas partes, por que ele se moveria em círculo ou teria qualquer grandeza? Mas se é necessário que ele entenda pelo contato com toda a sua circunferência, qual é o contato que ele faz por suas partes? §§ 112-16

Além disso, como pode o divisível ser entendido pelo indivisível, ou o indivisível pelo divisível? § 117

É necessário que o intelecto seja este círculo; pois, assim como o movimento do intelecto é entender, e o do círculo é girar, se, então, entender é um girar, o intelecto deve ser um círculo cujo girar é pensar. Mas então ele sempre pensará algo — já que o girar continua para sempre. No entanto, os pensamentos práticos têm limites, cada um sendo em função de outra coisa; enquanto o pensamento especulativo também é limitado pelas ideias, e toda ideia é ou uma definição ou uma demonstração. Mas as demonstrações começam a partir de princípios e têm como termo uma conclusão ou uma inferência. Mesmo que não cheguem a uma conclusão, elas não retornam ao

seu ponto de partida; elas sempre tomam um novo termo médio e conclusão, e prosseguem em linha reta. Mas o girar retorna novamente ao início. As definições também são todas finitas. §§ 118-21

Além disso, se o mesmo girar ocorre muitas vezes, haverá um entendimento múltiplo da mesma coisa. §§ 122-4

Ademais, a inteligência é melhor comparada com a quietude e o repouso do que com o movimento — e o mesmo vale para a dedução lógica. §§ 123-6

Novamente, aquilo que não está em repouso, mas em estado de tensão, não estará contente. Ora, se o movimento não é da essência da alma, ela se moverá apenas de forma não natural. § 127

Deve ser penoso para a alma estar entrelaçada com o corpo sem possibilidade de libertação; e, de fato, isso deveria ser evitado se é melhor para o intelecto não habitar no corpo, como comumente se diz, e como parece verdadeiro para muitos. § 128

Não está claro por que os Céus se movem com movimento circular; pois a essência da alma não é a causa de a alma se mover em círculo, já que tal movimento é apenas incidental à alma. Menos ainda é o corpo a causa, mas antes a alma é uma causa para o corpo. Nem isso é alegado como sendo o melhor; contudo, a razão pela qual Deus fez a alma girar deve ter sido porque é mais digno para ela mover-se do que permanecer estacionária, e mover-se desta maneira do que de qualquer outra. Mas esta especulação é mais adequada a outros contextos, então deixemo-la de lado agora. § 129

Outro absurdo surge neste argumento e em muitos outros que tratam da alma. Eles conjungem corpo e alma, colocando a alma no corpo sem declarar nada definitivo quanto à causa disso, ou como o corpo está disposto. No entanto, esta explicação é certamente necessária, pois é em virtude de algo em comum que um é agente, o outro é paciente, um move e o outro é movido. Tais correlações não são encontradas ao acaso. Esses pensadores apenas se esforçam para afirmar o que a alma é, sem determinar nada sobre o corpo que a recebe, como se acontecesse que qualquer alma entrasse em qualquer corpo, como nas fábulas dos pitagóricos. Pois cada corpo parece ter sua própria forma e espécie apropriadas. É como dizer que a carpintaria entra nas flautas; pois cada arte deve usar suas ferramentas, e a alma, seu corpo. §§ 130-1

COMENTÁRIO DE SANTO TOMÁS

LIÇÃO OITO

§ 107. Tendo exposto a opinião de Platão, Aristóteles procede agora à sua refutação. Aqui devemos notar que, frequentemente, ao criticar Platão, Aristóteles não critica precisamente o significado próprio de Platão, mas o sentido óbvio de suas palavras. Ele precisa fazer isso porque o método de ensino de Platão era falho; ele usava constantemente figuras de linguagem, ensinando por símbolos e dando às suas palavras um significado bastante diferente de seu sentido literal; como quando chama a alma de círculo. Assim, para que ninguém seja desviado por este sentido literal, Aristóteles às vezes argumenta precisamente contra ele, ao criticar Platão.

§ 108. Contra a opinião acima mencionada, então, ele apresenta dez argumentos, alguns dos quais incidem sobre a própria visão de Platão, e outros sobre o sentido literal de suas palavras. Platão realmente não queria dizer que o intelecto era algo quantitativo ou circular; ele estava falando metaforicamente. Ainda assim, para que não houvesse engano quanto a isso, Aristóteles argumenta com base em uma interpretação literal das palavras.

§ 109. No primeiro argumento, então, ele explica qual 'alma' Platão tinha em mente, que era a Alma do Universo, e que 'aquela' (alma) que é 'do todo', ou seja, do Universo, é exclusivamente intelectual, segundo Platão. Não é vegetativa, pois não precisa de nutrição; nem sensitiva, pois não tem órgãos dos sentidos; nem apetitiva, pois o apetite segue a sensibilidade. De fato, não poderia de modo algum ser sensitiva ou apetitiva, admitindo-se que o movimento da Alma Universal é circular; porque nem o sentido nem o apetite se movem em círculo (pois o sentido não reflete sobre si mesmo), mas apenas o intelecto (que reflete sobre si mesmo, como quando um homem sabe que sabe). Assim, Platão concluiu que a Alma do Mundo era apenas intelectual e disse que o próprio intelecto era uma espécie de magnitude espacial e um círculo.

§ 110. Aristóteles nega isso, dizendo que Platão estava errado ao representar a alma como uma magnitude espacial de forma circular e ao dividi-la em dois círculos.

§ 111. E ele aponta onde Platão se desviou. Nesta questão da natureza da alma, temos que basear nosso julgamento sobre qualquer uma de suas faculdades no ato ou operação dessa faculdade, e nosso julgamento sobre o ato ou operação no objeto deste ato ou operação; pois as faculdades são conhecidas por seus atos, e os atos por seus objetos. Assim, na definição de uma faculdade está incluído seu ato, e na definição de um ato, seu objeto. Ora, está claro que uma coisa obtém sua unidade daquilo que lhe confere ser e natureza específica. Se, então, o intelecto obtém seu ser e natureza específica do inteligível que é seu objeto (falo do intelecto em ato, que como tal nada é antes que ocorra o ato de entender), está claro que, se ele é uno e contínuo, como Platão sustentava, ele o será da mesma forma que os objetos inteligíveis são unos e contínuos. Pois o intelecto é uno apenas da mesma forma que sua operação (entender) é una; e sua operação é uma apenas da mesma forma que seu objeto é uno; uma vez que os atos são diferenciados de acordo com seus objetos. Visto que, então, o objeto do intelecto são os inteligíveis, e os inteligíveis compõem uma unidade, não como uma magnitude ou um contínuo, mas como números que se seguem em uma série, está claro que o intelecto não é, como Platão pensava, uma magnitude. Ele é ou indivisível, como é da natureza dos primeiros princípios ser, ou, se é contínuo, o é não como uma magnitude, mas como o número o é; pois assim como um número leva a outro, assim entendemos um objeto após o outro. E frequentemente vários números terminam em um, assim como as premissas em um silogismo terminam em uma conclusão.

§ 112. O segundo argumento vem em 'Como entenderia'. Pois poderia ser respondido que a razão de Platão para atribuir magnitude ao intelecto não era que existem muitos inteligíveis, mas que cada inteligível por si só mostra que ele é uma magnitude.

§ 113. Mas isso não funciona. Pois Platão sustentava que o ato de entender não era uma recepção de formas inteligíveis na mente, mas uma espécie de contato (como de um círculo, como vimos) devido à mente ir ao encontro das formas inteligíveis. Mas pergunto-te, como precisamente a mente entende pelo contato, se é uma magnitude? Ela deve tocar seu objeto ou com a totalidade

de si mesma ou com uma parte. Mas se com a totalidade de si mesma, então suas partes não são necessárias e não há necessidade de supor que o intelecto seja uma magnitude ou um círculo. Se, por outro lado, toca com algumas de suas partes, e assim entende em parte, então ou várias de suas partes estão envolvidas ou apenas uma. Se apenas uma, então novamente as outras partes são supérfluas e não precisamos supor que o intelecto tenha partes. Mas se entende tocando com todas as suas partes, estas devem ser ou pontos ou quantidades; e se são pontos, então, visto que o número de pontos em qualquer magnitude é infinito, o intelecto teria que tocar seu objeto uma infinidade de vezes antes de entendê-lo; e assim nunca entenderia, já que o infinito não pode ser percorrido.

§ 114. Aristóteles diz 'pontos' não porque pensasse que uma magnitude pudesse ser particionada em pontos, mas como uma disputa com Platão, que considerava os corpos como compostos de planos, os planos de linhas e as linhas de pontos; uma opinião refutada por Aristóteles na *Física*, Livro VI, onde é mostrado que um ponto adicionado a um ponto não faz diferença.

§ 115. Mas se a mente entende tocando com partes quantitativas, então, como cada parte é divisível em muitas, ela deve entender o mesmo objeto muitas vezes. Novamente, uma vez que qualquer quantidade é infinitamente divisível em partes que são proporcionalmente, não quantitativamente, as mesmas, seguir-se-ia que a mente entende a mesma coisa um número infinito de vezes — o que levanta dificuldades. Pareceria, então, que ela toca seu objeto apenas uma vez, e que não pode ser chamada de magnitude, nem com respeito a muitos inteligíveis nem a apenas um.

§ 116. Note que Aristóteles está implicando aqui que o intelecto é indivisível por sua natureza. O que é inteligível em qualquer coisa é sua essência ou natureza; que está presente inteiramente em cada parte dela, assim como a natureza específica está inteiramente presente em cada indivíduo da espécie; toda a natureza do homem em cada homem individual; e o indivíduo como tal é indivisível. Portanto, o que é inteligível em qualquer coisa é indivisível; e, portanto, também o é o intelecto.

§ 117. O terceiro argumento vem em 'Novamente, como'. Admitindo-se que a mente é indivisível, podemos facilmente ver como ela pode entender tanto o indivisível quanto o divisível. Ela entende o indivisível em virtude de sua própria natureza, que é indivisível; e o divisível por abstração da divisibilidade. Mas uma vez permitido, com Platão, que a mente é divisível, torna-se impossível entender como ela pode pensar no indivisível. 'Daí a dificuldade de admitir a teoria de Platão.

§ 118. O quarto argumento começa em 'É necessário'. Ele se desenvolve assim. Tu dizes que o intelecto é circular e em movimento. Ora, o movimento dos círculos é uma circulação e o do intelecto é o entendimento; portanto, se o intelecto é um círculo, o entendimento deve ser uma circulação. Mas isso é falso; pois, uma vez que o movimento circular não tem começo ou fim real, como é mostrado na *Física*, Livro VIII, seguir-se-ia que o entendimento, o ato próprio do intelecto, nunca alcançaria um termo. Mas o entendimento tem um começo e um fim reais: portanto, não é o mesmo que o movimento circular e, portanto, o intelecto não é um círculo.

§ 119. Que o entendimento tem um começo e um fim reais pode ser provado desta maneira. Todo pensamento é ou prático ou especulativo. Claramente, todo pensamento prático alcança um termo

ou fim; pois é todo em vista de outra coisa, a saber, uma obra a ser feita, e nesta obra ele termina. E o pensamento especulativo também tem seu próprio fim, a saber, as ideias; pois ele sempre repousa em alguma ideia: ou, em uma definição, quando a mente simplesmente apreende algo, ou em demonstrações, quando combina e distingue coisas. Mas as primeiras demonstrações começam a partir de primeiros princípios absolutos e terminam, por sua vez, nas conclusões de silogismos.

§ 120. Se for objetado que uma conclusão segue outra, e assim não há fim definido, respondo que as conclusões, no entanto, não são circulares. Pois, como é mostrado nos *Segundos Analíticos*, Livro I, a demonstração não pode andar em círculo; ela sempre vai em linha reta; e um movimento ou progressão infinita em linha reta é impossível.

§ 121. As definições também têm um começo e um fim, pois não se pode ir ao infinito na enumeração dos gêneros; o gênero mais geral deve ser tomado como o primeiro. Similarmente, na enumeração das espécies; não se pode particularizar ao infinito, mas deve-se parar na espécie mais particular. Portanto, o gênero mais geral é o começo, e a espécie mais particular é o termo ou fim, nas definições. Claramente, então, todo ato da mente tem um ponto de partida e termo reais.

§ 122. O quinto argumento começa em 'Além disso, se'. Em certo sentido, este argumento depende do anterior e é uma parte dele. Foi mostrado que se o intelecto fosse um círculo, como Platão pensava, o entendimento seria uma circulação; e no argumento precedente, Aristóteles mostrou que o entendimento não é uma circulação; o que ele agora prova mais uma vez da seguinte maneira. A diferença entre um movimento circular e qualquer outro movimento reside nisto: que este último nunca pode ser repetido na mesma quantidade. Isso se torna claro se pensarmos nos diferentes tipos de movimento em particular. Assim, o movimento de 'alteração' não pode ser repetido no mesmo sujeito sob o mesmo aspecto; pois a mesma coisa não é, sob o mesmo aspecto, mudada de branco para preto e de preto para branco. Também no movimento de crescimento, a mesma coisa não pode, sob o mesmo aspecto, tanto aumentar quanto diminuir. Assim também no movimento local; se este vai em linha reta, deve ter dois termos reais; e se deve ser repetido, o termo no final do movimento deve ser usado duas vezes, uma vez como fim e uma vez como começo, e, como deve intervir um momento de repouso naquele termo, não é exatamente o mesmo movimento. Apenas no movimento circular um mesmo movimento pode ser muitas vezes repetido de acordo com a mesma quantidade; a razão sendo que no movimento circular não há termos reais; portanto, não importa quantas vezes seja repetido, nenhum intervalo de repouso intervém nem o movimento varia de modo algum.

§ 123. Isso sendo concedido, Aristóteles argumenta como segue. Se tu dizes que o intelecto é um círculo, então o ato de pensar deve ser um movimento circular. Mas esta consequência não é admissível; portanto, tampouco a premissa.

§ 124. Ele então mostra que a consequência não é admissível. Concedido, ele diz, que o mesmo movimento circular é multiplicado, isto é, repetido, sob o mesmo aspecto. Se pensar, então, é um movimento circular, como tu dizes, ele será repetido repetidas vezes como um mesmo movimento incidindo sobre um mesmo objeto; e assim a mente pensará a mesma coisa muitas vezes. Pois a mente, ao mover-se, toca e por este tocar ela pensa, como eles dizem. Se então seu movimento é circular, ela toca e pensa a mesma coisa repetidas vezes; o que levanta dificuldades.

§ 125. O sexto argumento, em 'Além disso, a inteligência', é como segue. Se pensar é, como tu dizes, um movimento circular, ele deveria estar associado ao movimento, mas de fato o contrário é verdadeiro; pensar está associado antes ao repouso. Isso o próprio Aristóteles ensina no Livro VII da *Física*, onde ele diz que se um homem deve tornar-se sábio, ele deve primeiro alcançar uma tranquilidade interior; é por isso que os jovens e os inquietos não são, via de regra, sábios. A sabedoria e a prudência são adquiridas, diz Aristóteles, por aquele que se contenta em sentar-se e ficar quieto.

§ 126. Mas para que não se diga que, embora isso seja verdade para a apreensão simples, não o é para o raciocínio silogístico, ele acrescenta que o raciocínio também é mais como um repouso do que um movimento. Porque, é claro, antes de o silogismo estar completo, a mente e o intelecto estão oscilando de uma conclusão a outra e não repousando em nenhuma; mas quando está terminado, a mente se apega a uma conclusão e repousa nela.

§ 127. O sétimo argumento, em 'Novamente, que, etc.', se desenvolve como segue. Concordemos que pensar torna a alma feliz. Ora, a felicidade não pode residir em nada violento ou coercitivo, pois é a perfeição e o fim último da alma. Assim como o movimento não é da natureza essencial da alma, mas é de fato estranho a ela, aquela operação na qual a alma encontra sua felicidade, a saber, o entendimento, não pode ser um movimento, como Platão sustentava. Mas que o movimento não é da natureza da alma está implícito na própria teoria de Platão, pois ele disse que a alma era primeiro constituída por números, e então que ela se dividia em dois círculos e era refletida em sete, do que seguia o movimento. De acordo com esta visão, então, o movimento está na alma não naturalmente, mas acidentalmente.

§ 128. O oitavo argumento, em 'Deve ser penoso', se desenvolve como segue. Parece ter sido a visão de Platão que não era da natureza da alma estar unida ao corpo; pois ele disse que ela era primeiro constituída dos elementos e então compactada com o corpo, de modo que não pode deixar o corpo à vontade. Bem, então; sempre que uma coisa é unida contra sua natureza a outra, e não pode deixá-la à vontade, o estado resultante é doloroso; e sempre que uma coisa se deteriora por sua união com outra coisa, a união é prejudicial e deve ser evitada. Mas *ex hypothesi* a união da alma e do corpo é contrária à natureza da alma; nem a alma pode libertar-se à vontade; e o resultado é ruim para a alma, como os platônicos estão sempre dizendo. Aparentemente, então, a união com o corpo é uma coisa dolorosa e temível para a alma; o que dificilmente se alinha com a própria teoria de Platão de que a alma é composta de elementos e compactada com seu corpo desde o início.

§ 129. O nono argumento, a partir de 'Não está claro', é o seguinte. Platão fala da Alma do Universo e diz que ela se move em círculo. Mas isso não fornece explicação para o movimento circular dos céus; isto é, não define sua causa. Pois se os céus se movem em círculo, isso deve ser devido a princípios intrínsecos ou a alguma finalidade extrínseca. Se princípios intrínsecos são a causa, a 'natureza' em questão será a da alma ou a dos corpos celestes. Mas não pode ser a natureza da alma, pois o movimento circular não é da essência da alma, mas acidental a ela; pois, como dissemos, a natureza da alma é mover-se em linha reta, que então é 'curvada em círculos'. Tampouco a causa pode ser a natureza dos corpos celestes, pois o corpo como tal não é a causa dos movimentos da alma, mas antes a alma é a causa dos movimentos do corpo. Mas, se a causa é uma finalidade extrínseca, não se pode, segundo os princípios de Platão, apontar para nenhum fim

definido em resposta à questão de por que os céus se movem em círculo em vez de qualquer outra maneira; a menos que se invoque a vontade de Deus. Deus, de fato, por alguma razão, escolheu mover os céus em vez de deixá-los imóveis, e movê-los de forma circular. Mas por que Ele faz isso, Platão não pode dizer. Contudo, como esta questão pertence antes a 'outros contextos', i.e., a outro tratado (o *De Coelo*), podemos deixá-la de lado por ora.

§ 130. O décimo argumento começa em 'Outra absurdidade'. Ele é eficaz não apenas contra Platão, mas contra muitos outros também. É assim. É claro que deve haver sempre alguma proporção entre movente e movido, agente e paciente, forma e matéria. Nem toda forma se adequa a todo corpo da mesma maneira, nem todo age sobre todo paciente. Tampouco todo princípio de movimento move tudo o que é capaz de receber movimento. Deve haver alguma correlação e proporção entre eles pela qual um é naturalmente o movente, e o outro, o movido em cada caso. Ora, obviamente esses filósofos admitiam que a alma estava no corpo e o movia. Uma vez que falavam da natureza da alma, parece que também deveriam ter algo a dizer sobre a natureza do corpo; sobre por que a alma está unida ao corpo e como o corpo se relaciona e contrasta com a alma. Seu estudo da alma foi inadequado enquanto o discutiram sozinha e negligenciaram explicar a natureza do corpo que a recebe.

§ 131. De fato, podemos associar sua tese (prossegue Aristóteles) à fábula pitagórica de que qualquer alma pode entrar em qualquer corpo; a alma de uma mosca, por exemplo, poderia porventura entrar no corpo de um elefante. Isso não pode realmente acontecer; pois o corpo de cada coisa particular, e especialmente das coisas vivas, tem sua própria forma, espécie e tipo de movimento: daí há grandes diferenças entre os corpos de um verme, um cão, um elefante e um mosquito. Quando dizem que qualquer alma pode entrar em qualquer corpo, é como se alguém dissesse que a arte da tecelagem poderia entrar em flautas, ou que a arte do caldeireiro poderia entrar no tear de um tecelão. Se estivesse no poder dessas artes entrar em corpos ou instrumentos, elas não o fariam indiscriminadamente, mas a arte de tocar flauta entraria em flautas, e não em liras, enquanto a arte de tocar instrumentos de cordas entraria em instrumentos de cordas e não em flautas. Da mesma forma, se há um corpo para cada alma, qualquer alma não entra em qualquer corpo; antes, a alma molda o corpo adequado para si mesma; ela não entra num corpo já pronto. Platão e os outros que falam apenas sobre a alma são superficiais demais; falham em definir qual corpo corresponde a qual alma, e o modo preciso de existência de cada um em união com o outro.

Revision #1

Created 4 October 2026 19:24:16 by Admin

Updated 4 October 2026 19:24:59 by Admin